



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Edição Especial Temática: Análise de Discurso em conceitos e procedimentos

Sinop, v. 13, n. 1 (32. ed.), p. 169-188, jan./maio 2022

ISSN 2236-3165

<https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

O DISCURSO-OUTRO NO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DE SUJEITOS QUE SOFRERAM GORDOFOBIA¹

THE DISCOURSE-OTHER IN THE PROCESS OF SUBJECTIVATION OF SUBJECTS WHO SUFFERED FROM FATPHOBIA

Virginia Barbosa Lucena Caetano

Santiago Bretanha

RESUMO

O presente artigo analisa a presença do discurso-outro no processo de subjetivação de sujeitos que sofreram gordofobia, atentando para o funcionamento do discurso relatado na materialidade significativa. A partir da análise de sequências discursivas recortadas de um depoimento, colocado em circulação no âmbito do projeto **Não Tem Cabimento**, observamos que a imagem que os sujeitos que sofreram gordofobia produzem de si está intimamente atrelada à imagem que o outro expõe sobre seu corpo. A relação do sujeito com esses enunciados-outros, contudo, se dá através de mecanismos de negação. O sujeito se distancia do discurso do outro através do uso das aspas, ironizando-o, expondo as suas contradições, mas sem subvertê-lo ao assumir um lugar próprio de enunciação.

Palavras-chave: Discurso. Corpo. Subjetividade.

ABSTRACT

¹ Este artigo é um recorte da dissertação de mestrado intitulada **NÃO TEM CABIMENTO: corpo e subjetividade no discurso de sujeitos gordos**, defendida pela Ma. Virgínia Caetano sob a orientação da Dra. Luciana Iost Vinhas, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, com a colaboração do Me. Santiago Bretanha.

The present article analyzes the presence of the discourse-other in the process of subjectivation of subjects who suffered from fatphobia, focusing on the functioning of the discourse reported in the signifying materiality. From the analysis of discursive sequences clipped from a testimony, put into circulation in the context of the project *Não Tem Cabimento* (It has no place), we observe that the image that the subjects who suffered from fatphobia produce about themselves is closely linked to the image that the other exposes about their body. The relation of the subject with these other-enunciates, however, occurs through mechanisms of negation. The subject distances himself from the discourse of the other through the use of quotation marks, ironizing it, exposing its contradictions, but without subverting it by assuming his own place of enunciation.

Keywords: Discourse. Body. Subjectivity.

Correspondência:

Virginia Lucena Caetano. Mestra em Letras (UFPEL). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Professora tutora no curso de Licenciatura em Letras Português-Literatura EaD oferta UAB, na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Pesquisadora no Laboratório de Estudos em Análise de Discurso (LEAD), no Grupo de Estudos Pecheuxtianos (GEP) e no Grupo de Pesquisa Ordinário do Sentido e Resistência (OuSaR). Jaguarão, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: vicaetano24@gmail.com

Santiago Bretanha. Mestre em Letras (UFPEL). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Professor tutor no curso de Licenciatura em Letras Português-Literatura EaD oferta UAB, na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e professor conteudista da Universidade LaSalle. Pesquisador no Laboratório de Estudos em Análise de Discurso (LEAD). Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: santiagobretanha@gmail.com

Recebido em: 15 de outubro de 2021.

Aprovado em: 24 de março de 2022.

Link/DOI: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/6290/4602>

1 INTRODUÇÃO

“A estigmatização do gordo domina fortemente uma história da obesidade”, essa é a tese que Vigarello (2012, p. 339) formula, no final de sua obra

Metamorfoses do Gordo. Nela, o autor busca compreender os sentidos que foram sendo atribuídos ao corpo gordo durante os últimos séculos. Essa estigmatização de que nos fala é marcada por uma rígida distinção de gênero: enquanto é tolerada uma gordura relativa na composição da imagem do corpo masculino, para as mulheres é imposta a magreza obrigatória, exigência que acompanha uma série de técnicas, práticas e objetos desenvolvidos para medir, controlar e até modificar o corpo aos padrões de cada época.

Embora a diferença na pressão estética sobre os corpos femininos e masculinos ainda prevaleça, há outras questões importantes que ganham espaço na disputa de sentidos sobre o corpo gordo. Uma das mais importantes, na contemporaneidade, é o alçamento da obesidade à categoria de doença. Conforme Vigarello (2012, p. 318), a obesidade, hoje, é compreendida socialmente como uma epidemia. O obeso passou a ser visto como um doente social. Em um mundo marcado pela valorização da imagem corporal, no qual as formas e os pesos são precisamente quantificados, medidos e padronizados, a obesidade torna-se uma ameaça sanitária. O sujeito gordo passa a ser considerado inadequado, compulsivo e um perigo para si mesmo, caso não tome atitudes para modificar sua forma corporal.

A complexa relação dos sujeitos com suas imagens corporais é acentuada, também, pela disseminação das tecnologias da informação e da comunicação. A partir da imersão digital, no século XXI, baseada em divulgação de fotografias e vídeos, a imagem corporal passa a ser muito evidenciada. Em praticamente todas as redes sociais virtuais surgiram comunidades denominadas *fitness*, nas quais os sujeitos exibem seus corpos modificados por dietas e exercícios físicos, trocam dicas de alimentação e treinos, além de compartilhar, excessivamente, relatos de pessoas que conseguiram “vencer a obesidade” e narram as mudanças que a perda de peso gerou em suas vidas. Esses relatos, e a maioria das postagens produzidas nessas comunidades, contribuem para (re)produzir um imaginário negativo em relação ao corpo gordo, corroborando para a sua estigmatização e marginalização.

Contudo, os relatos de emagrecimento e modificação corporal não são os únicos encontrados em redes sociais virtuais. Diversos movimentos de resistência a esse tipo de discurso buscam contrapor-se aos imaginários sobre o corpo gordo que circulam na mídia hegemônica. Há uma série de páginas feministas que militam pelo

respeito às diferentes configurações corporais e compartilham discursos anti-gordofobia, além de blogueiras e *youtubers* que colocam, diariamente, a questão dos padrões corporais em pauta em seus canais virtuais.

Dentre os diferentes discursos sobre o corpo gordo que circulam nas redes sociais, interessa-nos, especialmente, um tipo: os relatos de sujeitos que se autorreferenciam gordos e que falam sobre a relação que estabelecem com seu próprio corpo e com a pressão social que sofrem para modificá-lo. Partindo desse critério temático, elegemos como *corpus* de nosso trabalho um relato, colocado em circulação pelo projeto **Não tem Cabimento**. O referido projeto é desenvolvido por uma blogueira que se autodesigna “Mulher Gorda”. Ela reúne em um perfil, de mesmo nome, na rede social Tumblr, textos de sujeitos que relatam situações de gordofobia pelas quais passaram durante a vida.

Frente a isso, promovemos a dessuperficialização do *corpus* com base nos princípios e procedimentos da Análise de Discurso, que encontra as bases de suas reflexões semânticas nas obras de Michel Pêcheux (2014a; 2014b), na França, e de Eni Orlandi (2015), no Brasil. Fundamentados na especificidade epistemológica de uma teoria materialista dos processos discursivos, chegamos ao objetivo geral que articula a presente proposta: analisar a presença do discurso-outro no processo de subjetivação de sujeitos que sofreram gordofobia, atentando para o funcionamento do discurso relatado na materialidade significante.

Para tanto, nossa reflexão se organiza em duas seções, somadas a estas considerações introdutórias e a algumas palavras de fechamento. São elas **2 Princípios teóricos: a heterogeneidade no/do discurso**, seção na qual apresentamos a base teórica que sustenta nossa análise; e **3 Descrição e interpretação do corpus**, em que levamos a efeito nosso gesto interpretativo atentando, fundamentalmente, às formas do discurso relatado (re)produzindo imagens de si e do outro atravessadas pela construção discursiva do corpo gordo.

2 PRINCÍPIOS TEÓRICOS: a heterogeneidade no/do discurso

Nesta seção, buscamos sumarizar as reflexões teóricas que constituem nosso dispositivo analítico. Para tanto, organizamos a seção em dois momentos. Primeiramente, serão apresentados alguns apontamentos sobre a teoria materialista

do discurso, com ênfase no conceito de formação discursiva. Após, discutiremos, brevemente, alguns pontos da teoria da heterogeneidade na língua, com ênfase nas noções de heterogeneidade enunciativa e discurso relatado.

2.1 Apontamentos sobre A Teoria Materialista do Discurso

A Análise de Discurso (AD) teve início na França, no final da década de 1960, a partir das articulações epistemológicas do filósofo Michel Pêcheux, o qual tinha como interlocutores um grupo de intelectuais que trabalhava em diferentes campos de investigação. Nesse momento histórico, as Ciências Humanas e Sociais viviam o declínio do paradigma estruturalista. Tal paradigma era reinante na produção intelectual da época, inclusive e principalmente nos estudos linguísticos que, até então, focavam no estudo da língua enquanto estrutura formal submetida ao rigoroso método científico galileano.

Nesse processo de objetificar e normatizar o objeto dos estudos linguísticos, houve um movimento de exclusão deliberada do sujeito, uma vez que este era um elemento que perturbava a homogeneização dos processos linguísticos, escapando a qualquer tentativa de literalização. Na contramão desse pensamento, Pêcheux propõe a Análise de Discurso (AD) como uma forma de “desautomatizar a relação com a linguagem” (FERREIRA, 2007), trazendo para o centro da discussão questões que a linguística estrutural deixava à margem como: historicidade, sujeito e ideologia.

Por se situar em um lugar de fronteira entre a Linguística e as Ciências Humanas e Sociais, Orlandi (2015) denomina a AD como uma *disciplina de entremeio*. A autora destaca que, embora a AD articule conceitos advindos de quatro áreas diferentes (a Linguística, a Psicanálise, o Materialismo Histórico e a Teoria do Discurso), não estabelece uma relação servil, ou seja, não se deixa absorver por nenhuma delas. Pêcheux propõe uma relação crítica com as teorias que articula, interrogando a Linguística pela historicidade que vê, apenas, como interna à língua, questionando no Materialismo uma abordagem do simbólico e diferenciando-se da Psicanálise pela relação que busca estabelecer entre Ideologia e Inconsciente (ORLANDI, 2015, p. 18).

Sobre o quadro epistemológico da AD, Ferreira (2007) salienta que faz parte da constituição da teoria a relação tensa entre os conceitos que compõe seu arcabouço teórico. A AD, assim, é uma teoria que está sempre em constante movimento, a cada análise “se põe em questão a natureza de certos conceitos e se redefinem seus limites” (FERREIRA, 2007, p. 41). A autora acrescenta que essa característica não impede, contudo, que a AD se singularize enquanto teoria sobre a linguagem, distinguindo-se das demais áreas pelo seu aparato teórico e dispositivos de análise.

É importante destacar também o caráter político da teoria proposta por Pêcheux. A AD se constitui numa relação de ruptura não apenas pelo viés epistemológico, mas também com o quadro político da França pós Maio de 1968. Pêcheux articula a prática teórica e a prática política, trazendo para a discussão as consequências da forma como fazemos ciência, situando-a na luta de classes. A AD reconhece que não há neutralidade e objetividade e distancia-se de uma prática científica que busca por uma verdade universal. A posição que o analista assume, ao se apropriar do arcabouço teórico da AD, é a de reconhecer a contradição e a falha como constitutivas dos sentidos, produzindo derivas, deslocamentos e resistência nos processos de significação.

Uma das singularidades da articulação teórica proposta por Pêcheux é a relação que o autor estabelece entre o conceito de Ideologia – resgatado do Materialismo Histórico, mais especificamente a formulação althusseriana desse conceito – e a noção de Inconsciente – advinda da Psicanálise freudo-lacaniana. Pela perspectiva discursiva, a ideologia “aparece como efeito da relação necessária da língua com a história, no processo de constituição dos sujeitos e dos sentidos” (FERREIRA, 2003, p. 191). É importante destacar que Pêcheux retoma as formulações de Althusser para quem o funcionamento da ideologia produz os efeitos de evidência.

A relação dos sujeitos com a ideologia se dá pela sua interpelação pelo que Pêcheux definiu como Formações Ideológicas (FI). Ao caracterizar o conceito de FI, Pêcheux e Fuchs ([1975] 2014, p.166) afirmam que:

Falaremos de formação ideológica para caracterizar um elemento suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em

um dado momento; desse modo, cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem “individuais” nem “universais” mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas com as outras.

O sujeito para a AD é sempre interpelado pela ideologia e ocupa um lugar social, mesmo que não seja consciente disso. A maneira como a sociedade organiza as diferentes forças sociais constitui as FI, que, por sua vez, se materializam em diferentes Formações Discursivas (FD). Essas FD definem o que pode ou não ser dito a partir de uma dada FI (PÊCHEUX; FUCHS, 2014 [1975]). Os sentidos nos discursos se constituem, justamente, por estarem inscritos em uma determinada FD. Ao pensarmos as formações discursivas em disputa na forma de significar os corpos gordos, atualmente, chegamos à seguinte definição.

Há duas FD que atuam fortemente no processo de subjetivação de sujeitos que sofreram gordofobia. São elas: a FD vinculada ao discurso estético sobre o corpo, que organiza os saberes disseminados pela FI midiática, que nomearemos aqui de *FD do corpo perfeito*, e a FD vinculada ao discurso da saúde sobre o corpo, que organiza os saberes da FI científica, que nomearemos de *FD da saúde*. Salientamos, mais uma vez, que não compreendemos que a interpelação ideológica se dê de forma plena e apenas por uma FD. É a relação de disputa pelos sentidos entre as FDs e as diferentes posições-sujeito em relação de dominância e contradição que nos interessa compreender em nosso trabalho

Antes de passarmos para a análise do *corpus*, para compreender como essas FD atuam no processo de subjetivação dos sujeitos gordos, precisamos apresentar, ainda, uma breve teorização sobre a noção de *discurso relatado*, considerada, em nossa análise, como a principal marca linguístico-discursiva que aponta para a presença do discurso-outro no relato analisado.

2.2 O discurso relatado pelo viés da teoria da heterogeneidade na língua

Authier-Revuz (2004) propõe uma abordagem teórica para a compreensão do funcionamento da heterogeneidade nos processos enunciativos. De acordo com a articulação teórica proposta pela autora: pela perspectiva discursiva, a interação com o discurso do outro é a lei constitutiva de qualquer discurso e se dá tanto nas

formas da interdiscursividade quanto da interlocução; e pela perspectiva psicanalítica, sempre há outros dizeres anteriores ao nosso discurso, dito de outra forma, por trás da linearidade do nosso discurso se faz ouvir sempre uma polifonia. Assim, a heterogeneidade se impõe como condição para o discurso, uma vez que “todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos ‘outros discursos’ e pelo ‘discurso do Outro’” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.69).

Tendo em vista a importância dessas noções para a construção do pensamento da autora, consideramos produtivo compreender a distinção, proposta pela Psicanálise, entre *outro/Outro*. De acordo com Quinet (2012, p. 10), o *outro* (pequeno outro) está relacionado ao registro do imaginário e “ocupa o lugar de eu ideal com quem o eu se mede e rivaliza”. O *Outro* (grande Outro), por sua vez, está relacionado ao registro do simbólico e é compreendido como *discurso do inconsciente*, “o conjunto de significantes que marcam o sujeito em sua história, seu desejo, seus ideais – eles sustentam suas fantasias inconscientes e imaginárias” (QUINET, 2012, p.14).

Partindo disso, Authier-Revuz (1990, p.32) estipula duas categorias de funcionamento da heterogeneidade, designadas como *heterogeneidade constitutiva* e *heterogeneidade mostrada*. A primeira se refere aos processos de constituição de um discurso, enquanto a segunda aos processos de representação, num discurso, de sua constituição.

A uma heterogeneidade radical, exterioridade interna ao sujeito e ao discurso, não localizável e não representável no discurso que constitui, aquela do Outro do discurso – onde estão em jogo o interdiscurso e o inconsciente – se opõe à representação, no discurso, as diferenciações, disjunções, fronteiras interior/exterior pelas quais o um – sujeito, discurso – se delimita na pluralidade dos outros, e ao mesmo tempo afirma a figura dum enunciador exterior ao seu discurso.

Assim, a heterogeneidade mostrada é linguisticamente descritível, pois se marca materialmente através do uso de discurso direto, indireto, aspas, glosas, etc., contestando a homogeneidade do discurso ao inscrever o outro na linearidade. A heterogeneidade constitutiva, por sua vez, é um princípio que fundamenta a própria natureza da linguagem (TEIXEIRA, 2005, p. 145).

Posta essa breve introdução teórica, nos interessa agora compreender, no discurso em análise, o funcionamento de uma das formas de heterogeneidade

mostrada: o discurso relatado. Indursky (2013, p.241) define discurso relatado como “modo de apreensão da fala do outro”. Ele pode aparecer materialmente tanto sob a forma de discurso direto – citação textual do discurso de um outro locutor – quanto sob a forma de discurso indireto – processo de paráfrasedo discurso de um outro locutor. Em todas as sequências que seguem foi identificada a presença de discurso relatado, nosso objetivo, a partir das análises, é compreender de que forma essa presença do discurso-outro sob a forma de discurso relatado interfere no processo de subjetivação dos sujeitos gordos. Para tanto, foram selecionadas duas sequências discursivas recortadas de um relato publicado pelo projeto **Não Tem Cabimento**.

3 DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DO CORPUS

(01) SDR: Há aquela pessoa que não é gorda, mas faz questão de contar a você o quão maravilhosamente esforçada ela é no seu empreendimento de “embarbiecer” e o quanto tem comido “certo”. Se engordo ou emagreço recebo sempre um: “você engordou. O que tá acontecendo” ou o famoso parabéns pelo emagrecimento. Não raro tem alguém cometendo uma “gordice” ou tendo um “dia de gordo” que significa compulsão, descontrole, indisciplina e preguiça.

Na SDR01, o discurso-outro materializa-se através do discurso relatado de três formas: (a) pela sentença “o famoso parabéns pelo emagrecimento” utilizada pelo sujeito no formato de discurso indireto;(b) através das sentenças “você engordou. O que está acontecendo” que aparecem marcadas entre aspas após dois pontos no formato de discurso direto;(c) e nas expressões “certo”, “gordice”, “dia de gordo”, também marcadas pelo sinal gráfico das aspas. Embora essas três formas possam ser categorizadas como discurso relatado, Authier-Revuz (2016) atenta para a questão de que se tratam de funcionamentos diferentes do mesmo fenômeno enunciativo.

No primeiro caso, das sentenças apresentadas sob a forma de discurso indireto, há uma paráfrase do discurso do outro, isto é, não há uma reprodução fiel do discurso-outro e sim uma reformulação do discurso que se limita a referir o que foi dito. Indursky (2013, p.247) aponta que essa forma de reformulação da fala do outro produz um efeito de homogeneidade, pois não há uma ruptura sintática que demarque um distanciamento entre os discursos.

Já no segundo caso, com as sentenças apresentadas sob a forma de discurso direto, temos o que Authier-Revuz (2016, p.202) define por efeito de *autonímia* no uso das aspas. Esse funcionamento se caracteriza por não haver o uso dos enunciados marcados entre aspas e, sim, uma menção a tais enunciados. Nas palavras da autora, “o elemento autônimo constitui, no enunciado em que figura, um corpo estranho, um objeto ‘mostrado’ ao receptor” (AUTHIER-REVUZ, 2016, p. 202). Esse processo é marcado por uma ruptura sintática, produzindo o efeito de que as palavras aspeadas estão “mantidas a distância”.

Essas duas formas de inserção do discurso-outro no fio do discurso aparecem, na sequência em análise, demarcando uma polarização da opinião do outro em relação ao corpo gordo. De um lado, temos a prática de engordar que, de acordo com o sujeito, gera como resposta do outro um questionamento, ou poderíamos até definir como uma cobrança, que é apresentada sob a sentença “você engordou. O que tá acontecendo”; de outro lado, temos a prática de emagrecer, que também gera uma resposta do outro, sob a forma de elogio “o famoso parabéns pelo emagrecimento”.

O sujeito gordo, assim, se coloca num lugar de não-pertencimento. Independentemente das mudanças que opere em seu corpo – engordar ou emagrecer – ele sempre será refém da opinião do outro. Ao engordar, é oprimido pela recriminação que vem do outro e, ao emagrecer, não consegue se livrar da presença do olhar do outro que, ao elogiá-lo pelo processo de emagrecimento, atualiza a memória do corpo gordo e estabelece um lugar para esse sujeito que não é o do magro, considerado o “normal”, mas sim o lugar do ex-gordo², marcado sempre pela memória da forma corporal anterior. “Emagrecimento”, nesse sentido, constitui-se como um processo em que um sujeito gordo passa a ex-gordo, e jamais a magro.

Há sempre uma resposta do outro atravessando a relação que o sujeito estabelece com seu corpo e determinando o lugar que o sujeito gordo deve ocupar. Como consequência disso, o sujeito gordo não consegue encontrar para si um lugar de subjetivação, precisando sempre recorrer ao discurso do outro. Essa falta de

² A designação ex-gordo foi proposta por Caetano (2016) para se referir ao lugar discursivo assumido por sujeitos em processo de emagrecimento que tem como elemento fundador o atravessamento da memória do corpo gordo no processo de subjetivação.

controle do sujeito gordo em relação a si e ao seu corpo se estabelece como uma consequência do excesso de controle que o outro exerce sobre ele e do qual depende para ser socialmente inteligível.

O terceiro caso de discurso relatado na SDR01 é sob a forma de palavras marcadas entre aspas ao longo do relato. Aqui temos um funcionamento denominado por Authier-Revuz (2016, p. 202) como *conotação autonímica*. Nesse fenômeno linguístico, os elementos são integrados à cadeia sintática e é feito “uso das palavras com conotação de menção”. A autora destaca que essa situação coloca o locutor em uma posição de emitir julgamento sobre as palavras no momento em que as utiliza. Tais palavras são marcadas como pertencentes e apropriadas a outro discurso, ou seja, “digo essa palavra, mas não como digo as demais, porque a digo como X diz” (AUTHIER-REVUZ, 2016, p. 204).

Na perspectiva discursiva, podemos relacionar esse processo de conotação autonímica com a rede de formações imaginárias envoltas nos processos discursivos. Pêcheux (2014b [1969], p. 82) destaca que, ao produzirmos um discurso, sempre o fazemos de um lugar determinado na estrutura da formação social. Contudo, esses lugares, no processo discursivo, não funcionam como “um feixe de traços objetivos”(PÊCHEUX, 2014b [1969], p. 82): eles se encontram representados e transformados, através das Formações Imaginárias. Dessa forma, o que funciona no discurso é o lugar que cada sujeito atribui ao outro e a si, e as imagens que esses sujeitos fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro.

O autor destaca, ainda, que no mecanismo de qualquer formação social existem regras de projeção que estabelecem as relações entre as situações e as projeções por elas representadas. Sendo assim, a relação entre situações e projeções podem não se estabelecer de forma biunívoca, ou seja, “diferentes situações podem corresponder a uma mesma posição e uma situação pode ser representada por várias posições” (PÊCHEUX, 2014b [1969], p.82). São as referidas posições que produzem sentidos no processo discursivo e isso sempre ocorre em relação ao contexto sócio-histórico e à memória discursiva (ORLANDI, 2015, p. 38).

As formações imaginárias são essenciais para a constituição do processo discursivo porque funcionam como um elemento regulador da argumentação (ORLANDI, 1998). Assim, o sujeito, ao colocar-se no lugar do outro, passa a antecipar possíveis sentidos que seu discurso pode produzir e esse processo produz

efeitos na forma como constrói sua argumentação. Nas palavras de Orlandi (2015, p. 37): “o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo os efeitos que pensa produzir em seu ouvinte”.

É importante destacar que não são apenas os interlocutores que funcionam como elementos imaginados, pois o referente também é construído discursivamente, ou seja, o que funciona no discurso é o ponto de vista dos sujeitos sobre o referente e não sua natureza empírica. Assim, no jogo do processo discursivo temos entrelaçadas diferentes formações imaginárias: a imagem que o sujeito tem do lugar que ocupa (nesse caso trataremos como imagem de si), a imagem que o sujeito tem do outro e a imagem que o sujeito tem do referente. No caso específico da nossa análise, o *outro* também é alçado à função de referente.

Temos, então, dois *outros*, ou melhor, dois imaginários de outro, envolvidos no processo discursivo em questão: 1) o primeiro *outro*, ocupando o lugar de interlocutor, se refere à imagem que o sujeito tem dos leitores do *blog* e das outras pessoas envolvidas com a produção de relatos para o projeto **Não tem cabimento**. Nesse caso, se estabelece uma relação imaginária de cumplicidade, confiança, ou seja, esse outro para quem o sujeito produz seu discurso, por também ser gordo, compartilha das angústias e insatisfações que o sujeito relata em seu depoimento; 2) o segundo *outro*, por sua vez, é tratado nesse processo discursivo como referente, isto é, não é o outro *para quem se fala*, mas, na verdade, o outro *de quem se fala*. A relação imaginária estabelecida aqui é diferente, o outro, nesse caso, se refere àqueles que falam de um outro lugar que não se constitui atravessado pela relação com o corpo gordo. Ao longo da análise das sequências, veremos diferentes referentes para esse outro e de que forma os discursos produzidos por esses sujeitos atravessam a maneira como o sujeito gordo se subjetiva.

No processo discursivo que produz a SDR01, temos o outro como referente designado como “aquela pessoa que não é gorda”. A forma corporal, aqui, é um elemento que demarca diferentes posições-sujeito. Embora tanto o sujeito gordo quanto o outro (nesse caso “aquela pessoa que não é gorda”) sejam interpelados pela FD1, eles assumem posições-sujeito distintas. Designaremos, então, como PS1 a posição-sujeito assumida pelos sujeitos gordos, e como PS2 a posição-sujeito ocupada pelos outros, envolvidos no processo discursivo dos relatos em análise, constituídos imaginariamente como não-gordos. Através do discurso relatado, o

sujeito, então, incorpora a seu discurso expressões que produzem efeitos de sentido que só podem ser colocadas em circulação a partir da PS2, pois são resgatados de um lugar no interdiscurso que é interdito à PS1. Ao marcar entre aspas, em seu discurso, as expressões mencionadas, o sujeito assinala “a recusa, a rejeição do que está sendo incorporado” questionando “a veracidade, a adequação ou a pertinência do discurso do outro” (INDURSKY, 2013, p. 244). Em outras palavras, dadas as relações que se estabelecem entre essas posições-sujeito, podemos dizer que a PS2 é a dominante nas fronteiras da formação discursiva do corpo perfeito.

Por outro lado, comer “certo” é uma expressão que se inscreve na FD2. Tanto na mídia como nas redes sociais é muito popular encontrar profissionais da saúde ou pessoas do campo *fitness* dando dicas de alimentação saudável e dietas que costumam ser designadas como “a forma correta de comer”. Torna-se corriqueiro o uso de expressões disjuntivas— comer certo/comer errado, comida de verdade/comida de mentira, carboidratos bons/carboidratos ruins — que, ao dualizarem as práticas relacionadas à alimentação em apenas duas categorias, produzem um efeito de controle, pois tudo o que não segue à risca o que está sendo proposto é designado de forma a produzir um efeito de sentido negativo.

A partir disso, irrompem expressões como “gordice” e “dia de gordo”, marcadas na SDR01, cuja função é designar, pejorativamente, todas as práticas relacionadas à alimentação e atividades físicas que não se encaixam no normatizado como correto a partir da FD2. Dessa maneira, é colocado em circulação um imaginário sobre o gordo como aquele que age de forma errada em relação a seu corpo, que cultiva maus hábitos, incapaz de se controlar, etc. Ou, na interpretação proposta na própria SDR01: aquele que representa, materializada no próprio corpo, “compulsão, descontrole, indisciplina e preguiça”.

A expressão “gordice” vem acompanhada do verbo *cometer*. Consultando o dicionário, buscamos outras ocorrências possíveis para o verbo cometer, procurando colocá-las em relação parafrástica. Encontramos, assim, dentre os sentidos mais usuais para o verbo: *perpetrar* e *investir contra algo ou alguém*. Trata-se de um verbo transitivo direto cujos complementos mais usuais são sempre de teor negativo, ou seja, comete-se crimes, delitos, suicídio, injustiças. O verbo aparece, portanto, sempre relacionado a situações moralmente condenáveis na formação social. Ao utilizar esse verbo para se referir à “gordice”, se estabelece uma comparação entre

fazer algo moralmente condenável e comer algo calórico ou uma grande quantidade de comida, como se o gordo estivesse cometendo um crime contra si mesmo.

Isso nos remete ao resgate da história da obesidade realizado por Vigarello (2012, p.300-301). O autor aponta que, a partir do século XX, crescem os desejos de controle e afirmação de si e, nesse contexto, a gordura passa a ser considerada uma ameaça tanto estética quanto vital. Assim, o sujeito gordo passa a ser relacionado à negligência em relação ao próprio corpo, ao desleixo e à incapacidade de transformação. “Cometer uma ‘gordice’”, então, assume um estatuto de imoralidade porque, relacionada ao imaginário de gordo que circula socialmente, se instaura como um fracasso, uma incapacidade de controlar a si e a seus desejos, características extremamente condenáveis em uma época na qual o trabalho sobre si mesmo (e principalmente sobre o corpo) e a adaptabilidade se tornam critérios obrigatórios.

Mais uma vez, a lógica disjuntiva aparece materializada no processo discursivo em análise. Isso nos leva a pensar que essas dualidades fazem parte do funcionamento da FD2. Podemos agrupar as relações de sentido em dois polos: de um lado, temos *engordar, gordo, gordice, compulsão, preguiça, descontrole, errado, ruim*, etc., tudo dentro do mesmo eixo parafrástico; do outro lado, temos *emagrecer, magro, esforço, certo, bom*, etc., sempre em relação de analogia. Então, ao colocar em circulação imaginários sobre o corpo gordo sempre relacionados a coisas negativas, é reforçado o sentido de que o “corpo correto”, “o corpo bom”, “o corpo que se deve desejar” é o corpo magro. É assim que funciona nesta FD. Em outra possível FD, corpo gordo não seria relacionado a algo negativo. A significação do corpo gordo e, por conseguinte, a subjetivação do sujeito se dá a partir da FD dominante (FD1), que regula os processos de significação a partir de uma relação de dualidade, de dicotomização da constituição subjetiva. Esse é um gesto político que objetiva a subjugação de alguns em relação a outros na formação social.

Um outro elemento interessante de ser observado na SDR01 é a utilização do neologismo “embarbiecer”, marcado entre aspas no enunciado “Há aquela pessoa que não é gorda, mas faz questão de contar a você o quão maravilhosamente esforçada ela é no seu empreendimento de ‘embarbiecer’”. O verbo é criado a partir da palavra *Barbie*, boneca desenvolvida pela empresa Mattel, famosa por ser considerada padrão de beleza. Devido à popularidade da boneca, vários estudos

têm sido desenvolvidos a fim de compreender se as barbies afetam, de alguma maneira, a percepção corporal de crianças e adolescentes, ou seja, de que forma a identificação imaginária com o “corpo”, com a estética da Barbie, afeta a forma como os sujeitos se relacionam com seus corpos.

Ao criar um verbo a partir do nome da boneca e configurá-lo como uma prática de pessoas que buscam modificar seus corpos para atender ao padrão de beleza, a autora da SDR demonstra uma crítica ao princípio regulador da FD1: a ideia de *corpo perfeito*. O formato corporal da boneca Barbie é considerado irreal – magra demais para ser saudável, cintura excessivamente fina e desproporcional ao tamanho do tronco, pernas longas e pés pequenos para sustentar a estrutura corporal. Assim, “embarbiecer”, mais do que se adequar aos padrões de beleza impostos, parece se referir à submissão à busca de um corpo impossível, que atende às demandas do mercado, mas, por consequência, torna os sujeitos sempre insatisfeitos com seus corpos, incapazes de preencher a demanda estabelecida a partir do laço social.

Quando nos referimos a corpo impossível, nos lembramos do trabalho desenvolvido por Cassana (2018) no qual a autora, ao investigar os discursos de sujeitos transexuais, compreende que *corpo impossível* é um corpo que não consegue se adequar aos padrões de gênero. Tal teorização dialoga com nossa reflexão dado o alcance do corpo perfeito ser da ordem do impossível, considerando que o sujeito é constituído por uma falta impossível de ser preenchida por ser efeito de uma determinação simbólica.

Há elementos materiais que nos direcionam a esse gesto de interpretação. Primeiramente, o uso das aspas na palavra “embarbiecer”. Diferente das outras palavras grifadas por aspas na sequência que produziam o efeito de distanciamento, demarcando-as como discurso-outro, aqui, nos parece que as aspas produzem um outro efeito: o de ironia. Outro elemento linguístico que aponta para um efeito de ironia é o adjetivo *famoso* utilizado em referência às parabenizações que o sujeito gordo diz receber sempre que emagrece. Nesse caso, o adjetivo *famoso* além de qualificar os parabéns, também demonstra, através do efeito de ironia, a insatisfação do sujeito em receber tais parabenizações. A ironia, aqui, nos parece configurar-se como uma marca de resistência. O sujeito não consegue se identificar com o discurso do outro, portanto, não pode reproduzi-lo a partir da posição que ocupa; o

faz, então, de forma irônica e, com isso, marca na língua o processo de contraidentificação, isto é, processo de resistência aos sentidos reguladores da forma-sujeito dominante. Na análise da sequência a seguir, poderemos discutir um pouco mais os efeitos do excesso de controle do outro para o processo de subjetivação dos sujeitos gordos.

(2) SDR: *Além do papel de subserviência, á amiga gorda restam os papéis de mãezona ou menina e quando muito, de uma mulher supersexualizada beirando o ridículo (daqueles que lamentavelmente a indústria pornô fabrica). Quando a amiga gorda está num relacionamento com alguém que só pessoas magras deveriam namorar sempre há especulação sobre as razões que possibilitaram a formação daquele casal. “Ela deve ser dessas gordas boas de cama, que fazem de tudo pra agradar” “Deve ter fetiche com gorda. Tem muita gente que gosta de uma gordelícia”. Comigo essa situação chegou a um patamar muito degradante. O tempo todo eu precisava dar satisfações, me explicar, expor minha vida particular, mostrar fotos ... para provar que poderia ser desejada, quista e amada por alguém.*

Antes de levantar algumas questões suscitadas pela SDR02, é preciso retomar o contexto em que ela é produzida na narrativa, a fim de compreender algumas referências necessárias para a interpretação do recorte em análise. A autora começa o trecho no qual é produzida essa sequência refletindo sobre o fato de que mulheres gordas estão mais sujeitas a amizades abusivas. Na lógica proposta pela autora, isso ocorre porque as pessoas gordas aceitam desempenhar um papel de subserviência e passividade nas relações interpessoais como forma de compensação pelo fato de serem gordas, nas palavras da autora: “Pra mim funcionava como uma troca ou um pedido de desculpas por ser gorda. ‘Serei muito legal com vocês, mas, por favor, me tratem bem e não exponham o julgamento de vocês sobre o meu peso assim tão deliberadamente”.

Ao longo do depoimento, é apresentado um conjunto de situações que nos ajudam a compreender o que seja o “papel de subserviência” apontado na SDR02. Dentre eles, destacamos: se colocar sempre à disposição das amigas para resolver conflitos que não lhe dizem respeito; transparecer sempre alegria e disposição; ouvir calada coisas com as quais discorda; elogiar a aparência das amigas magras; mentir estar de Tensão Pré-Menstrual (TPM) ou em jejum para comer na presença de outras pessoas sem se sentir recriminada.

O uso do verbo *restar* para indicar os papéis que as mulheres gordas desempenham nas relações de amizade – subserviência, mãezona, menina e mulher super-sexualizada- apontam para sua interpelação pela FD1, pois atualiza os efeitos de sentido vinculados ao saber de que é preciso ter um corpo dentro do padrão de beleza para ser amada, desejada, respeitada, para desenvolver um relacionamento saudável com as pessoas.

A SDR02 traz uma discussão importante para a compreensão dos imaginários que circulam na formação social sobre o corpo gordo. Referimo-nos à questão da sexualidade, mencionada na sequência “quando muito, de uma mulher supersexualizada beirando o ridículo (daqueles que lamentavelmente a indústria pornô fabrica)”. Nos processos discursivos engendrados, o prazer e a sexualidade são condicionados pelos padrões estéticos; assim, a sexualidade das mulheres gordas é, em geral, negada ou estereotipada. A representação da sexualidade da mulher gorda vem, geralmente, atrelada à sua hipersexualização. No âmbito do cinema, da música e da televisão, o corpo da mulher gorda é objetificado e os limites da sexualidade são esgaçados ao ponto de caricatura. Os corpos são expostos de maneira obscena, as formas são exaltadas com exagero e a libido da mulher gorda é retratada, muitas vezes, como cômica, digna de deboche e ridicularização. Como se só pudesse ser desejada como fetiche. Do contrário, não pode (e não deve) ser objeto de desejo, mas de escárnio (como a FD significa a sexualidade do gordo). Sempre servindo para o outro, e não para o próprio prazer.

A indústria pornográfica também corrobora para a estereotipação da sexualidade de mulheres gordas. Tudo o que foge ao padrão estético estabelecido é classificado como *fetiche* e segregado em categorias. Uma das categorias encontradas em sites que distribuem pornografia é a designada como *Big Beautiful Woman* (BBW) ou, em outros casos, simplesmente, *Mulheres Gordas*. Em alguns casos, mulheres que trabalham com a produção desse tipo de conteúdo se submetem a regimes de engorda para atenderem ao padrão imposto pela indústria pornográfica, pois tais vídeos são comercializados sob o rótulo de *fetiches bizarros*, comparados a transtornos da sexualidade como zoofilia ou pedofilia. Há, inclusive, uma designação criada exclusivamente para homens que sentem atração por mulheres gordas: os *fat admirers*, demarcando, pela necessidade da criação de um

rótulo, o estatuto de diferença, ou, porque não dizer, anormalidade, em considerar um corpo gordo desejável.

Esses estereótipos sobre a sexualidade dos sujeitos gordos colocados em circulação pelas mídias digitais e televisivas passam a compor o imaginário social e são (re)produzidos em situações como as expostas pela autora por meio de discurso relatado direto: “Ela deve ser dessas gordas boas de cama, que fazem de tudo pra agradar”; “Deve ter fetiche com gorda”; “Tem muita gente que gosta de uma gordelícia”.

Toda a reflexão exposta, a partir dos elementos elencados pelo relato, nos levam a relacionar a situação do sujeito gordo na formação social atual à questão da humilhação. Parece-nos que as humilhações sofridas interferem na imagem que o sujeito gordo produz de si e, por consequência, na forma como se subjetiva. Ansart (2005) aborda dois níveis de humilhação: uma situação e um sofrimento. A situação diz respeito à negação da imagem que a vítima faz de si própria, enquanto o sofrimento concerne ao fato de que o humilhado é impossibilitado de dar uma resposta, sentindo-se diminuído e atingido em seu orgulho.

Nos relatos em análise, podemos perceber o funcionamento dos dois níveis de humilhação propostos pelo autor. Sobre a negação da imagem de si, é possível relacioná-la ao excesso do discurso relatado apresentado nos depoimentos. Os sujeitos gordos, ao descreverem sua vida e seus sentimentos, o fazem resgatando enunciados de outros enunciadore. Isso nos leva à compreensão de que a imagem que produzem de si está intimamente atrelada à imagem que o outro expõe sobre seu corpo. A relação do sujeito com esses enunciados-outros, contudo, é de negação. O sujeito se distancia do discurso do outro através do uso das aspas, o ironiza, expõe suas contradições, mas, em momento nenhum, os subverte assumindo um lugar próprio de enunciação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, nos propusemos a observar os processos de subjetivação de sujeitos que sofreram gordofobia, por meio da análise de um relato, publicado pelo projeto **Não Tem cabimento**, no qual um sujeito, que se autorreferencia gordo, relata vivências de gordofobia. No processo de

dessuperficialização e recorte do *corpus*, atentamos ao excesso de retomadas de discursos-outros, linearizados, nas sequências em análise, pelo uso de discurso relatado.

Observamos, no processo analítico, que a imagem que o sujeito produz de si está intimamente atrelada à antecipação da imagem que o outro teria de seu corpo. Essas imagens, colocadas em circulação socialmente e retomadas pelo sujeito em sua narrativa, são produzidas a partir de duas formações discursivas: uma vinculada a questões estéticas, que produz a evidência de que o corpo gordo é feio; outra vinculada a questões de saúde, que produz a evidência de que o corpo gordo é doente. Embora se organizem a partir de diferentes argumentos, ambas colocam em circulação o sentido de que o corpo gordo deve ser moralmente condenado e modificado.

A relação do sujeito autorreferenciado gordo com esses enunciados-outros, contudo, é de negação. O sujeito se distancia do discurso do outro através do uso das aspas, o ironiza, expõe suas contradições, mas, em momento nenhum, os subverte, desidentificando-se da FD dominante. Por outro lado, ao incorporar a seu discurso o discurso-outro, sem apropriar-se das suas palavras, o sujeito instaura a resistência no interior da FD dominante pela qual é interpelado, uma vez que questiona os efeitos de sentido produzidos pelo discurso-outro e, assim, demarca uma nova posição-sujeito.

REFERÊNCIAS

ANSART, P. As humilhações políticas. *In*: MARSON, I; NAXARA, M. (org). **Sobre a humilhação**: sentimentos, gestos, palavras. Uberlândia: EDUFU, 2005.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 25-42, 2012.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. *In*: AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.

AUTHIER-REVUZ, J. Palavras mantidas a distância. *In*: CONEIN, B; COURTINE, J.J; GADET, F; MARANDIN, J. M; PÊCHEUX, M. (org). **Materialidades discursivas**.

Tradução de Heloisa Monteiro Rosário. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016. p. 201-226.

ERNST, A. G; QUEVEDO, M. Pré-construído e Discurso Transverso: ferramentas de derrisão em uma charge de Latuff. **Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 9, n. 2, p. 325-339, 2013. Disponível em: file:///C:/Users/Virg%C3%ADnia/Downloads/3851-Texto%20do%20artigo-13115-2-10-20140318.pdf. Acesso em: 29 set. 2021.

FERREIRA, M. C. L. O caráter singular da língua na Análise do Discurso. **Organon**, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 189-200, 2003. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/30023/18619>. Acesso em: 6 set. 2021.

FERREIRA, M. C. L. O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil. *In*: FERREIRA, M.C.L; INDURSKY, F. (org). **Michel Pêcheux & Análise de Discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 39-46.

INDURSKY, F. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

ORLANDI, E. P. Discurso e argumentação: um observatório do político. **Fórum Linguístico**, v. 1, n. 1, p. 73-81, 1998.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: Princípios & Procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica a afirmação do óbvio** [1975]. Traduzido por Eni Puccinelli Orlandi [et al.]. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014a.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD69) [1969]. *In*: GADET, F; HAK, T. (org). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Traduzido por Bethania Mariani [et al.]. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014b.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas [1975]. *In*: GADET, F; HAK, T. (org). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Traduzido por Bethania Mariani [et al.]. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

QUINET, A. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

TEIXEIRA, M. **Análise de Discurso e Psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUC/RS, 2005.

VIGARELLO, G. **As metamorfoses do gordo: história da obesidade no ocidente**. Traduzido por Marcus Penchel. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.